

Importância do fruto Batiputá (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl) no fortalecimento da cultura do povo indígena Tremembé da Barra do Mundaú, Itapipoca, CE

Importance of the Batiputá fruit (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl) in strengthening the culture of the Tremembé indigenous people of Barra do Mundaú, Itapipoca, CE

Macione Ferreira dos Santos
Reginaldo de Oliveira Nunes

Resumo: O território do povo Tremembé de Itapipoca está localizado no oeste do estado do Ceará e possui uma área territorial de 3.580 hectares. Esse território é preservado pelo povo indígena para que não haja desmatamento por parte dos “não indígenas” presentes dentro do território, para assim salvaguardar as plantas medicinais que possui grande relevância para eles. O objetivo do presente trabalho foi verificar a importância que o fruto Batiputá (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl.) tem para o fortalecimento da cultura do povo Tremembé da Barra do Mundaú, estado do Ceará. A pesquisa teve abordagem etnográfica e qualitativa sendo realizada por intermédio de entrevistas semiestruturadas com integrantes indígenas das aldeias dos Tremembé da Barra do Mundaú. Nas entrevistas buscou-se informações sobre as principais características do fruto e como está presente na medicina, culinária e festividades do povo Tremembé. Se fez necessário um estudo sobre esse fruto para enfatizar a sua importância visando um maior conhecimento e divulgação sobre o mesmo na cultura indígena.

Palavras-chave: Fruto; Cultura Indígena; Povo Tremembé; Fortalecimento.

Abstract: The territory of the Tremembé people of Itapipoca is located in the west of the state of Ceará and has a territorial area of 3,580 hectares. This territory is preserved by the indigenous people so that there is no deforestation by the “non-indigenous” present within the territory, in order to safeguard the medicinal plants that are of great importance to them. The objective of the present work was to verify the importance that the Batiputá fruit (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl.) has for the strengthening of the culture of the Tremembé people of Barra do Mundaú, state of Ceará. The research had an ethnographic and qualitative approach, being carried out through semi-structured interviews with indigenous members of the Tremembé villages of Barra do Mundaú. In the interviews, information was sought on the main characteristics of the fruit and how it is present in medicine, cuisine and festivities of the Tremembé people. A study on this fruit was necessary to emphasize its importance, aiming at greater knowledge and dissemination about it in indigenous culture.

Keywords: Fruit; Indigenous Culture; Tremembé people; Fortification.

Introdução

Sabe-se que existem variadas etnias de povos indígenas no território brasileiro e cada povo indígena pratica sua cultura dentro de suas



particularidades. Quando se ouve falar de povos indígenas, imagina-se que essa nomenclatura engloba uma única cultura para todos os povos, todavia, em cada comunidade a cultura é praticada de forma diferente uma das outras, tanto como sua crença, hábitos e rituais (Nascimento; Silva, 2022).

A cultura indígena nos dias atuais ainda é muito desvalorizada e desconhecida pela maior parte da sociedade. Infelizmente, essa sociedade só “conhece” a cultura indígena atrelada a estereótipos, baseadas na ideia de que os indígenas da modernidade tenham que apresentar características fenotípicas dos indígenas do passado: os que andavam “pelados”; os “selvagens”; os que “viviam no mato”. Sobre essa concepção, Flores *et al.* (2022, p. 12) afirma que “negar o movimento dos povos e das culturas é sustentar o discurso de que as identidades indígenas devem continuar presas ao passado e às imagens que lhes foram atribuídas pelos colonizadores”. Desse modo, os povos indígenas, desde a “invasão” dos portugueses em 1500, vêm traçando constantes lutas para manter viva sua cultura e seus próprios territórios protegidos de invasores.

Corroborando com essa discussão, Silva *et al.* (2018) destaca que a luta dos indígenas para salvaguardar sua cultura está em constantes ameaças, pois, quando se observa o histórico desses povos, percebe-se que ele é “caracterizado por vivências e experiências de discriminação ainda muito marcadas na sociedade brasileira” (p. 02). Vale ressaltar que o Brasil tem uma vasta diversidade de culturas, de diferentes povos, mesmo tendo em vista isso a cultura dos povos indígenas ainda continua sendo discriminada e mal interpretada, uma vez que seus ritos e crenças não condizem com o que a grande maioria da sociedade pratica.

No estado do Ceará existem quinze etnias, sendo quatorze reconhecidas pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Cada uma dessas possui em seu próprio território e seu modo de subsistência, seja pela pesca, caça, artesanato. A cultura presente em cada povo varia de acordo com as manifestações culturais realizadas em seus territórios. No povo Tremembé de Itapipoca, por exemplo, possui a festa do Murici e do Batiputá (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl.), por sua vez, o povo Anacé possui a festa



do Encantado. Diante disso, percebe-se a especificidade da cultura de cada povo indígena.

Desta forma, acreditamos que esse estudo é importante, uma vez que prioriza destacar a relevância que o fruto Batiputá (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl.) tem para o fortalecimento da cultura do povo Tremembé e também para a preservação da espécie. Além disso, é válido ressaltar que há escassez de estudos sobre a temática. Entre as pesquisas realizadas podemos citar os trabalhos de Pinto (2016) e Pinto *et al.* (2019) sobre o conhecimento etnobotânico do povo Tremembé sobre as frutas nativas e da sociobiodiversidade e Pinto (2017) quem apresenta um artigo sobre o potencial farmoquímico do óleo do Batiputá, por fim, o estudo de Araújo *et al.* (2015), que destaca a atividade cicatrizante do óleo do fruto Batiputá.

O fruto Batiputá (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl.), está intrinsecamente relacionado ao conhecimento tradicional do povo Tremembé. Os detentores da sabedoria, anciões da comunidade e lideranças, são os principais responsáveis pela transmissão de conhecimento sobre o fruto - assim como outros frutos que estão presentes no território - tanto na preparação do óleo, como na própria preservação da espécie. Esse conhecimento é transmitido entre gerações por meio da festa do próprio fruto que coincide com sua safra com a do fruto Murici.

Dito isso, é preciso explicitar que esta pesquisa teve por objetivo geral verificar a importância do fruto Batiputá para o fortalecimento da cultura do povo Tremembé de Itapipoca-CE. Comumente a este, tivemos por objetivos específicos, primeiramente, compreender de que maneira o fruto Batiputá auxilia na medicina tradicional do povo, por seguinte analisar como o óleo é utilizado nas receitas culinárias, entender como ocorre a extração do óleo e, por fim, verificar como o Batiputá auxilia na segurança alimentar.

O caminho metodológico da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú, situada no litoral oeste do estado do Ceará (Figura 1), município de Itapipoca. Pertencente ao distrito de Marinheiros, onde estão localizadas as



considerando suas formas de uso diferenciadas”. Já, segundo Oliveira (1999 *apud* Pinto *et al.*, 2019), denomina o processo de territorialização como sendo “o movimento pelo qual um objeto político-administrativo, que é a terra, se torna o ponto central da organização coletiva de um grupo”. Nesse sentido, o grupo se organiza formulando uma própria identidade e sendo capaz de elaborar mecanismos de tomadas de decisão e representação, formando estruturas de reprodução cultural, que inclui as inúmeras formas de relação com o meio ambiente e aspectos religiosos.

O povo indígena Tremembé da Barra do Mundaú teve seu reconhecimento no ano de 2002, no entanto o território só foi identificado e delimitado posteriormente. Desde então, o povo vem percorrendo uma árdua luta pela demarcação de suas terras, principalmente pela ameaça sofrida pela empresa Nova Atlântida que possui o interesse de construir um grande complexo turístico dentro do território. Segundo Pinto (2016, p. 12) o objetivo da empresa, na época, era criar um complexo turístico e residencial composto por “28 hotéis cinco estrelas e resorts, 3 campos de golfe, 5 marinas nas margens do manguezal e 6 condomínios residenciais”, por consequência, tal empreendimento hoteleiro iria, de forma direta e indireta, expulsar os verdadeiros donos daquelas terras.

Para além disso, essa não é a única ameaça que os Tremembé enfrentam, pois uma nova empresa, agora de energia eólica, quer se instalar dentro do mar onde os indígenas do território fazem sua pesca de forma artesanal. Se consolidado, acredita-se que tal feito impactará diretamente a fonte de alimento e renda do povo, prejudicando toda a biodiversidade ali presente.

A partir do ano supracitado, o povo se unificou ainda mais para lutar e ter a garantia de seus direitos, os quais estão previstos na Constituição Federal de 1988. O povo Tremembé de Itapipoca é conhecido principalmente por sua cultura, que é praticada dentro e fora do território, repassados para a nova geração e isso é primordial para a garantia do fortalecimento e permanência de sua cultura. São esses fatores que garantem a continuidade da luta pela demarcação de suas terras e preservação de sua cultura. Sendo



ela representada pelas festas tradicionais, que acontecem dentro do território, o qual o fruto Batiputá (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl.) faz parte, acontecendo sempre nos meses de janeiro, assim como a festa da farinha que acontece nos meses de julho, e o próprio dia dos povos indígenas comemorado em 19 de abril de todo ano.

Nesse sentido, a pesquisa foi classificada como qualitativa, de cunho etnográfica, realizada com o povo Tremembé da Barra do Mundaú, tendo como público-alvo as lideranças indígenas, anciãos, jovens e professores da comunidade, denominados de entrevistados. Inicialmente, foi feito um primeiro contato com os possíveis entrevistados, explicando sobre os objetivos da pesquisa e como ela se daria.

Participaram da pesquisa, sete integrantes da etnia, cujas informações encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1 – Lista de participantes da pesquisa.

Entrevistado	Gênero	Idade	Aldeia	Classificação	Nível de escolaridade
MNF	F	61	Buriti de Baixo	Anciã	EFI
MSS	F	40	Munguba	Liderança	EFI
ALV	F	45	Munguba	Liderança	EFI
MI	F	54	Munguba	Anciã	EFI
BCS	F	67	Buriti de Baixo	Anciã	EFI
GSC	F	26	São José	Jovem	ESC
CCO	F	36	Munguba	Professora	ESC

Fonte: Elaborado pelos autores (2023). Foram utilizadas as siglas para preservar a identidade dos entrevistados. EFI – Ensino Fundamental Incompleto; ESC – Ensino Superior Completo.

Após terem aceitado participar da pesquisa, foi solicitado que assinassem o Termo de Compromisso Livre Esclarecido (TCLE), demonstrando que as informações obtidas pudessem ser utilizadas. Depois, foram feitas as entrevistas semiestruturadas com perguntas pré-elaboradas, além disso, também foi feita revisão bibliográfica. As entrevistas foram feitas de forma presencial e algumas remotas, utilizando-se do aplicativo WhatsApp.



Os resultados

O Batiputá (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl.) popularmente conhecido na região Nordeste, é um fruto nativo que está presente no território do povo Tremembé. A espécie é arbórea ou arbustiva, pertencente à família Ochnaceae. Sendo ela descrita caracteristicamente:

O Batiputa é um arbusto cujo nome advém do vocabulário indígena, sendo corruptela de abatiputá, árvore de muitos frutos, equivalendo a ibá, árvore, ti, fruto, etá, muitos. A abundância das pequenas frutas negro-azuladas, em densos cachos, oportuniza o largo aproveitamento de seu óleo usado na alimentação e na indústria. As plantas crescem preferencialmente nos tabuleiros arenosos do litoral. Suas sementes moles, fáceis de esmagar, produzem óleo finíssimo aplicado como emoliente em tumores, em fricções nas dores reumáticas, como cicatrizante, inclusive para queimaduras e para úlceras gástricas (Pinto *et al.*, 2019, p. 332).

O Batiputá, se tornou ao longo dos anos, um dos principais frutos preservados dentro do território, pelo povo Tremembé, assim como também o Murici. A festa tradicional do povo Tremembé é referente a esses dois frutos comemorados no mesmo mês (janeiro) (Figura 2). Sua preservação é de fundamental importância para o fortalecimento dos Tremembé. Desse modo, faz-se também proteção da Mãe Natureza que é tão sagrada para eles. O conhecimento dos Tremembé acerca da relevância que o fruto tem para sua cultura contribui de maneira significativa para a identidade desse povo, como relata uma das entrevistadas da comunidade – “*Muito importante né, que é nessa festa que nois pratica nossa cultura, pratica nosso ritual, a gente se conecta ne com nossos encantados e é uma festa muito boa pra nois*” (MNF, 61 anos).



Figura 2 – imagem do fruto Batiputá (*Ouratea fieldingiana*) e Murici (*Byrsonima*



Fonte: Instagram oficial do povo Tremembé (@tremembe_da_barra)

A festa do Murici e Batiputá para o povo Tremembé é um momento de agradecimento pelo fruto que a natureza fornece. A festa, até a construção deste trabalho, está na sua XIV edição, onde a mesma já aconteceu nesse ano de 2023, o povo celebra a abundância que a natureza disponibiliza desse fruto. Porém essa abundância só é possível através da preservação de suas matas, como relata uma das entrevistadas sobre como preservar a planta desse fruto – *“não cortando ela não boicada porque ela não é do mato, ela não veve aqui no meio da berada da estrada, então ela é das matas mesmo, e nós não pode boicar ela, nós não pode cortar ela”* (AIV, 45 anos).

O povo Tremembé se organiza anualmente para festejar o fruto que a natureza oferece, fruto esse considerado sagrado para eles, que possui variados benefícios, seja para doenças como para a segurança alimentar dos indígenas. Em entrevista, com uma pessoa da comunidade, relata-se acerca da relevância que a festa do Murici e Batiputá possui para o povo - *“além de resgatar esses saberes milenares e ancestrais que tenho colocado desde o início é uma forma de unificar o povo né, a festa ela é um sinônimo de união, então se junta todo mundo ne, todo mundo entende que ta ali por um objetivo só, que é festejar a mãe natureza, que é agradecer aos nossos deuses e*

deuses, agradecer os nosso troncos velhos, por tanto saber, que vem sendo repassado pra nós, que somos a geração mais nova”. (CCO, 36 anos)

Além disso, a comunidade se organiza coletivamente para a colheita dos frutos para seu festejo, assim explica uma participante das entrevistadas – *“a colheita ela acontece nus dois ou três dias antes, pra que o óleo ne já seja extraído, porque é um trabalho difícil ne, primeiro tem que ir na mata, se reúne geralmente as 5 horas da manhã pra fazer todo mundo que estar, dentro do território, tanto os de fora, como os de dentro do território, vai pra mata retirar esse fruto, e ai apanha só os madurinhos a sementinha, e ai quando chega vai fazer essa, escolher né por que as vezes cai um verde tem algum mato né, dentro da colheita, ai depois que é feita essa escolha, que pra escolher direitin pra ficar só os madurin, depois é colocado dentro da panela, pra fazer o cozido desse óleo”. (GSC, 26 anos)*

Sobre os preparativos da festa, a comunidade sempre organiza um mês antes da comemoração. Momento esse em que é feita toda uma programação para a efetivação da festa. Na programação está contido 4 dias de festas, onde cada dia possui atividades, sendo no primeiro dia de programação a abertura da festa, geralmente ocorrendo no período da noite, com a abertura com as falas das lideranças, e o ritual sagrado praticado pelo povo o torém – *“à festa é preparada com muito trabalho né, dias antes, aliás até meses antes, por que é preciso uma organização. No início a gente fazia a festa só pra nois internamente dentro do território, hoje essa festa tem uma abrangência muito grande, a gente recebe muitas universidades, recebe muitos estudiosos né, recebe até pessoas que vem de fora do país pra fazer estudos com relação a isso”. (CCO, 36 anos)*

Nesse ínterim, são realizadas pinturas corporais para o festejo, que acontecem coletivamente, pois algumas pessoas da comunidade não sabem pintar. Em entrevista com um das pessoas que faz as pinturas nos demais relata que – *“ as pinturas corporais pra festa, não só pra festa mais para todos os momentos que a gente tem dentro do território ela acontece também de forma coletiva onde as pessoas que tem a sabedoria da pintura, elas vão pintando todo mudo que tem o desejo, logicamente que a pintura, ela também*



tem um valor ancestral, cultural e ela tem também um significado, não é uma coisa qualquer né, ela tem um sentido, ela tem uma explicação pra aquela pintura, e quem recebe também deve saber desse valor ancestral que ela tem. (CCO, 36 anos).

Ocasionalmente durante a realização da festa, dentro da programação, são realizadas diversas atividades, momento em que acontece noites culturais, com apresentação de grupos já formados dentro da comunidade, como o grupo Parente Torém, assim como também as Protegidas Dos Orixás. Além desses grupos existem outros grupos que também realizam apresentações nas noites culturais. Ademais, são realizados diversos jogos tradicionais, como arremesso de lança, corrida de tora, arco e flecha, dentre outros.

Outrossim, para o ritual sagrado, durante a festa, são cantadas as músicas própria do povo, como relata uma entrevistada – “ as músicas a gente tem músicas específicas, também para a festa do murici e batiputa, do compositor zé canã, mais também a gente canta todas as outras músicas do nosso ritual sagrado né, então, pra finalizar nossa festa é uma festa ancestral cultural que já vem de muitos anos né, e a gente se sente cada vez, cada ano que passa a gente se sente fortalecido, por que é uma forma da gente se unificar coletivamente” (CCO, 36 anos). As pinturas para os povos indígenas possuem seu significado, como foi relatado acima, dessa forma, para o povo Tremembé as pinturas em seu corpo representam os seres da natureza, do mar, das dunas, traçado em seu corpo com um palito de palha de coqueiro (Cocos nucifera) e com a tinta extraído do fruto jenipapo (Genipa americana L.)

Em entrevista com algumas pessoas da comunidade, foi possível compreender que durante há alguns anos as matas de Batiputá, assim como outras frutas nativas do território, estavam tendo uma grande diminuição, pois pessoas não indígenas estavam fazendo a derrubada das matas para fazer roçados, e essa prática se perdurou por muito tempo – *“horre muito porque de primeira a gente ia pro Batiputa acharra muito batiputa hoje em dia e tudo difícil é tão difícil a pessoa pra achar batiputa faz é andar pá arrumar né. Nu é fácil como era de premero não”* (BCS, 67 anos). – *“ desde sempre eram feitos os roçados na mata, tanto pelos não indígenas como pelos os indígenas, e ai*



desde de um tempo pra cá, nós povos indígenas principalmente, veio um projeto do cetra que foi ação Tremembé, que com esse ação Tremembé com florestação, era justamente a gente estava perdendo as espécies de frutíferas e plantas dentro do nosso território, e aí o batiputa era um deles, que tava sendo escasso dentro do território por contas das queimadas, desmatamento, e aí esse fruto tava se perdendo, e com esse projeto do cetra da florestação, veio com vários técnicos para auxiliar os agricultores pra fazer o manejo dentro de seus quintais, para que eles não tivessem a necessidade, e preservasse mais a área das matas, para que esse fruto poder dá cada vez mais dentro do território, aí também junto com o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e SEMACE (Secretaria de Meio Ambiente do Ceará) foi feito também como os não indígenas, alguns deles tiveram essa consciência e outros não, então a maioria ainda faz essa pratica do roçado, destruindo o murici como o batiputa no nosso território, já os indígenas estão apenas cada vez mais, plantando apenas em seus quintais, para que não pratiquem mais aquela pratica antiga, que é o roçado” (GSC, 26 anos).

Percebe-se que esses saberes ancestrais são passados por gerações, e para não deixá-los morrer o povo Tremembé se organizou para manter viva essas sabedorias de seus ancestrais, com a realização de festas tradicionais. Diante disso, saberemos como e por que surgiu a festa desse fruto – *“porque a gente viu que as nossas pessoas mais velhas, os nossos troncos velhos eles faziam o óleo, e a gente encontrou essa possibilidade de fazer a festa pra poder manter viva essa tradição de fazer o óleo e sobretudo para lutar pelo o meio ambiente também a preservação dele, porque como a gente tem essa festa, a gente precisa desse fruto, então é um argumento muito forte pra que o meio ambiente pra que as nossas matas, as nossas matas nativas elas fiquem preservadas e tenham um olhar, é de uma forma mais especifica também pra isso né”*. (CCO, 36 anos)

Dentro do território estão presentes variados tipos de plantas medicinais para usufruto da comunidade, dentre elas vale destacar o Batiputá (Figura 3), o qual há muitos anos vem contribuindo para o fortalecimento e cultura desse



povo, tendo assim, grande relevância para a medicina tradicional e no uso culinário. Dentro da medicina tradicional o óleo extraído do batiputá pode ser aplicado em diversas enfermidades, como relata uma entrevistada – *“o óleo serve ne pra dor de cabeça pra dor no estomo, pra colesterol alto, combate também até inchaço, cansaço, e ele serve pra gente usar como fritura né ele é muito bom. pra cansaço a gente bebe um pouquinho, pra todo tipo de pra que ele serve para as doenças a gente bebe um pouquinho não pode beber muito também ne, que se não da diarreia, tem que beber um pouquinho, agora pra dor de cabeça a gente tem que passar um pouquinho assim nas fronte onde doe, na garganta também quando ta muito duido a gente passa assim um pouquim por fora da garganta, nos inchaços a gente amorna um pouquim e bota em cima, pro o colesterol é por que muita gente já usou ele disse que e muito bom ne, pra fritura pra quem tem problema de colesterol não tá mais fritando com óleo, ta fritando com ele, com óleo de batiputa, diz que ele é muito bom pra quem tem problema de colesterol pra fazer fritura com ele”*. (MSS, 40 anos)

É notório que o óleo do batiputá possui várias funcionalidades, seja ele para as doenças, citadas acima, como para a culinária Tremembé. A aplicação do óleo pode ser diretamente no ferimento como ingerido, para doenças internas. Durante a análise das entrevistas foi possível perceber que o óleo atualmente é mais utilizado para curar doenças do que para o consumo culinário, haja vista que para se fazer um 1 litro de óleo é necessária uma grande quantidade de frutos.



Figura 3 – Imagem do fruto Batiputá (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl.)



Fonte: instagran oficial do povo Tremembé (@tremembe_da_barra)

Desse fruto é possível extrair um óleo, produzido manualmente pelos indígenas. Para seu preparo, o fruto deve ser cozido, em seguida pisado e depois coado. Assim, pode ser utilizado tanto para farmacologia (cicatrização de feridas e dores reumáticas) como para culinária (frituras) (Figura 4). O modo de preparar o óleo tem uma complexidade singular, nos quais os indígenas Tremembé utilizam para seu preparo, assim explica outra entrevistada – “O processo é assim a gente vai pra mata apanha ele quando chega escolhe aí depois de escolhido a gente pisa que é para o oli ajudar né sair dos carocinhos aí a gente pisa depois a gente bota na panela e bota água que e pra ir tirando aqueles olim quando a gente vai tirando aqueles oli a gente vai botando no raziim,, num raso depois daquele que a gente tira, tirando né aquele óleo aí a gente pega tira tudim de norro e aí bota no fogo pra apurar tira de norro daquele outro raso. Bota pra coziar aí daqueles coziado que tá coziando a gente tirando aquele apurando vai tirando aquele óleozinho, ele fica em cima tipo uma nata, aí depois daquela nata a gente pega bota num raso e depois a gente coisa de norro tira todim ai depois apura, ai que fica o oleo bem apuradim, e difícil bixim”. (MI, 54 anos)

Figura 4 – Imagem do fruto e do óleo do Batiputá (*Ouratea fieldingiana* Gardner Engl.)



Fonte: Instagram oficial do povo Tremembé (@tremembe_da_barra)

A sabedoria do povo Tremembé sobre a importância que o fruto batiputá tem para sua cultura contribui diretamente para a formação da identidade Tremembé, desse modo, esse conhecimento é adquirido em sua tradicional conexão com a natureza. Esses conhecimentos não foram passados em uma sala de aula, mas sim de pai para filho, de irmão para irmão, em suma, de geração em geração tal conhecimento foi repassado.

Considerações Finais

A proteção do conhecimento tradicional sobre a planta do Batiputá para os indígenas Tremembé não é apenas um simples ato de conservação da natureza, mas também de preservar as plantas nativas presentes no território, pois essas plantas vêm desaparecendo com os desmatamentos realizados por não indígenas, principalmente para a construção de roçados.

Dessa forma, a preservação dessas plantas é necessária para manter viva a cultura do povo Tremembé, visto que é de onde o povo retira o

seu sustento, seja por meio do alimento ou para utilização na medicina tradicional da comunidade.

Nesse sentido, acreditamos que se faz necessário, para além deste, um estudo mais aprofundado sobre o tema abordado, pois há poucos estudos relacionados ao próprio fruto e principalmente no que se refere ao conhecimento tradicional desse povo. A disseminação de informações sobre o óleo extraído do Batiputá é muito pertinente para que a sociedade possa conhecer os benefícios que ele tem e, sobretudo, para conhecer a importância que o mesmo possui para o povo Tremembé.

Referências

ARAÚJO, Adjanna Karla Leite et al. Atividade cicatrizante do óleo fixo de *Ouratea* spp. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v. 9, n. 2, p. 154-171, 2015.

DIEGUES, A. C. (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/COBIO/NUPAB, 1999.

FLORES, C. G. C.; GOMES, L. B.; CASAGRANDE, C. A. Abordagens das culturas indígenas na Educação Básica Brasileira: reflexões para um ensino intercultural. **Práxis Educativa**, v. 17, 2022.

NASCIMENTO, E. A.; DA SILVA, F. P. As visualidades da cultura indígena em livro didático. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 1, 2022, p. 159-70.

PINTO, A. L. A.; SOUSA, F. J. F.; RUFINO, M. S. M. Conhecimento etnobotânico dos Tremembé da Barra do Mundaú sobre as frutas da sociobiodiversidade. **Interações**, v. 20, n. 1, jan./mar., 2019.

PINTO, Talita Rocha de Miranda. **Estudo do potencial farmacológico do óleo de batiputá (*Ouratea fieldingiana*-Gardner Engl.) como insumo farmacêutico**. 2017.

PINTO, André Luis Aires. Na nossa terra tem Murici e Batiputá: o conhecimento etnobotânico dos Tremembé sobre as frutas nativas. 2016. 116 f. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Instituto de Engenharias e Desenvolvimento Sustentável, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção-Ceara, 2016

SANTILLI, J. **Socioambientalismo e novos direitos: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural**. São Paulo: Petrópolis, 2005.



SILVA, L.; NETO, J. D.; DE DEUS, J. A. S. A luta histórica dos povos indígenas do leste brasileiro: do direito à valorização do patrimônio cultural material e imaterial do Brasil. **Fórum Patrimônio**, v. 9, n. 2, 2018.

Sobre os autores

Macione Ferreira dos Santos

macionesantos201614@gmail.com

Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Membro do povo indígena Tremembé, do Ceará.

Reginaldo de Oliveira Nunes

reginaldonunes@unilab.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-4287-9036>

Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), e em Pedagogia na Faculdade Educacional da Lapa (FAEL), especialista em Didática do Ensino Superior pela Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal (FACIMED), mestre e doutor em Fitotecnia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e realizou estágio pós-doutoral em Educação, área de Ensino de Ciências no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IE - UL). Atualmente é docente adjunto na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), no Instituto de Ciências Exatas e da Natureza (ICEN) e líder do Grupo de Pesquisa em Etnociência, Meio Ambiente e Ensino de Ciências (GPEMAEC).

